Polacrerie poilagrer

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1035

Alexandre Cabeças

Faz hoje tres meses que tombou ensanguentado na terra da Flandres. Tambem eu quero lavrar o meu depoimento sobre Alexandre Cabeças, e evocar da minha saudade a figura do moço heroi que baqueou lá fora, com a alma erguida para Deus, e certo de que não seria inutil o seu esforço abençoado.

Conheci Alexandre Cabeças em Lisboa, três dias antes de ele partir para França. Procurou-me aqui na redacção, conversámos meia-hora, e ao cabo dela eu aprendera a estima-lo e a lmira-lo. Falou-me da sua vida, e da sua esperança, da terra e da familia, com a unção piedosa dum crente, e com a rara serenidade do heroi, pondo em todas as coisas a nota viva da sua emoção. Partia para a guerra, sem alarme e sem terror. A sua existencia pertencia á Patria e a Deus.

Falou-me com ardor apaixonado da obra do Integralismo. Soldado fiel e destemido, tambem ele ia ocupar o seu posto na primeira linha, onde o perigo é maior e a morte mais certa. E em França não deixaria de trabalhar pelo movimento, de lhe consagrar todo o seu tempo, nas longas horas da trincheira. Tinha uma obra imensa a realizar, e a sua fé não desfalecia nem vacilava. Compreendera logo que a rialidade da guerra não podia deixar de reagir beneficamente sobre o espirito dos soldados, desvendando-lhe a ficção das ideologias, a mentira da Liberdade. Os factos são os argumentos mais formidaveis, mais irresponsiveis. O moral das tropas tinha de modificar-se. De lá, da terra alheia, do horror das trincheiras, havia de voltar o Portugal novo, o Portugal Maior. Era preciso reatar o ciclo interrompido da nossa historia, pelo angustioso ocaso dum seculo de vergonhas e de miserias. Carecia-se de retemperar as virtudes antigas da raças pelo calix amargo do sacrificio. Que extranha ramagem essa a da nossa gente moça, de caminho para o inferno dos combates, para as rajadas da metralha, a remir com o seu sangue generoso o pecado abominavel doutras gerações, para regressar de lá com uma regra espiritual e uma finalidade fixa, purificada pela crença, nas horas da saudade e da ancia.

Alexandre Cabeças partia para cumprir um dever, o mais alto de todos os deveres. Pelo «front» faria a sua colheita, trazendo-nos companheiros novos, para a cruzada em que estava empenhado. Se lhe fosse dado bater-se, que fossem para o Integralismo os louros das suas acções, e se lá morresse, nos acasos dolorosos da luta, que o Integralismo recebesse tambem para si a herança do seu pensamento e da sua bravura. De qualquer fórma o seu esforço não ficaria improdutivel, esteril. Alma aberta de crente, elevou para de heroi e de martir, até para a sua morte ele descobria uma finalidade!

Como nós nos sentimos pequenos ao pé dele, nós que ás vezes, se a fé vacila um instante, se o desalento nos invade, nem sequer á nossa vida descobrimos um fim! Amparava-o a certeza religiosa dos grandes misticos. Da sua passagem breve pelo mundo alguma coisa havia de ficar. Como ninguem ele soube reabilitar essa palavra extraordinaria *servir*. Através da vida, na sua propria morte, ele serviu a Patria, e serviu a causa que defendemos. Não desfaleceu um momento na sua carreira.

Olhos postos num fim altissimo, soube caminhar sempre a direito, sem se vergar a transigencias, sem capitular perante o perigo. Arriscou a vida sem temor, porque a não queria para mais nada. No meio de nós, na primeira fila sempre, a combater o bom combate, ou separado dos seus companheiros de luta pelo misterio da morte, não nos desampara a sua fé imensa.

Recordo com amargura infinita os curtos pedaços do nosso convivio: mais um ou dois encontros fugitivos de café em que se confirmou a minha primeira impressão, ao verificar a confiança com que ele partia, a depôr lá longe, no exilio da terra estrangeira, pela honra de Portugal, a escrever com a espada mais uma pagina da nossa epopeia gloriosa. Soldado, e verdadeiro soldado, ele não discutia a guerra; aceitava-a como um facto necessario. e marchava quando o mandavam marchar, feliz por ir ocupar o seu posto, na cruzada de resgate em que o sangue português derramado no solo estrangeiro, ha-de remir o crime antigo da raça.

Os vivos são governados pelos mortos, e nós esquecemo-nos da voz imperativa dos nossos mortos, fechámos-lhe os ouvidos por importuna. Foi uma centena de anos de delirio, de loucura. Desviámo-nos das virtudes seculares da nossa gente. Portugal foi a nau sem destino, ao furor dos vendavais, debaixo dum ceu carregado de tormenta. Apagara-se a memoria dos antepassados, lustre e orgulho da nossa terra. O culto do lar, da familia, do municipio, da nação, transformou-se num retumbante lugar-comum de retorica. A' propria idéa de Patria nós substituimos um conceito extravagante de humanitarismo falhado. Para se voltar a sentir a Patria, para a amar como ela merece ser amada, faltava a revelação cruel do exilio, na paixão interminavel das trincheiras.

A saudade do rincão natal, das searas louras e fartas, das vindimas e das ceifas, das capelas e das fontes aos horizontes familiares ha-de torna-los mais queridas. E por isso eu sei que os que de lá voltarem, dessa escola admiravel de energia e de abnegação, esses hão-de querer-lhe muito mais, infinitamente mais.

Na expiação tambem nos coube a nossa parte. A noye de abril, na Flandres, o alferes Alexandre Cabeças caia para não mais se levantar. Cingia-lhe o pulso o emblema do pelicano, simbolo de sacrificio da Grey. Morrendo pela sua terra ele morreu por nós, com os olhos postos no esforço da nossa geração.

Religioso e patriota, catolico e português, como ele se retrata numa carta, Alexandre Cabeças deve ter caído sem magua, serenamente, como serenamente vivera, na paz adoravel da sua consciencia, no cumprimento exaltado dum dever nobilissimo. O que o poderia assustar a ele que tinha a fé ardente dos misticos, e que sabia bater-se por uma causa justa e santa,—pela honra da sua Patria.

Ele foi o heroi cristão, com a cruz do Templo a sangrar-lhe no pulso, de encontro ao fiador da espada, com o espirito alevantado para o Senhor, nas horas do perigo, e certo da sua bela certeza de que morria por aquilo que neste mundo mais se deve amar.

A Patria era para Alexandre Cabeças, acima de tudo, a sua pequena patria de Vila Viçosa, onde tinha as raizes do sangue e onde lhe correra a infancia. Com que enternecimento ele recordaria o seu Alentejo das paizagens sem limites, no momento em que os olhos se lhe cerraram e o sangue o afogou!

«*Antes de bom português*, escreveu ele, *sou bom filho daquela viçosa terra alentejana, patria de herois, solar da Dinastia e cabeça da antiga ordem militar de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Reino*». E, no dia da Imaculada, lá foi receber a Sagrada Comunhão das mãos dum padre português, em homenagem á Virgem, na data da sua devoção.

Fôra o seu tradicionalismo catolico e monarquico que o lançára entusiasmado no movimento integralista. Nos ultimos dias que passou em Lisboa, quando os outros procuram os derradeiros minutos de prazer ou de esquecimento, Alexandre Cabeças trabalhava calorosamente pelo triunfo da sua convicção. Eu estive na *gare*, com meia duzia de amigos, a despedir-me dele. Ainda, quando me concentro, ouço a sua voz a falar-me das victorias conseguidas, das esperanças de ámanhã. Entregou-me ainda duas cartas de adesão que lhe tinham sido dirigidas. Fecho os olhos para vêr, e evoco precisamente o seu gesto, o seu garbo de militar e a melancolia suave do sorriso. Foi o meu o ultimo abraço que levou de Portugal!

Soubd mais tarde da sua morte pelas noticias dos jornais.

A sua vocação realisara-se no mundo. Cavaleiro da Grei, sucessor da flôr medieval da cavalaria, dolorosamente predestinado para o sacrificio, ele foi um dos herdeiros da tradição de Nun'Alvares, foi-o mais que ninguem, na pureza e na humildade do seu pensamento cristão.

Será ele, por isso, para nós, um simbolo de excepcional beleza, um exemplo da virtude mais rara. Catolico e português ele caiu sem duvidar dos destinos da nossa cruzada. Como poderemos duvidar, hoje que o temos a ele para interceder por nós? Por isso Deus ha de abençoar e exaltar o nosso esforço, dando-nos coragem para o encaminharmos até ao fim, sem uma abdicação e sem uma transigencia, porque isso seria trair a confiança cega daquele rapaz, cheio de mocidade e de bravura, que baqueou um dia no solo estrangeiro, a pensar como nós pensámos.

Não teve Alexandre Cabeças seis palmos de terra portuguêsa, da terra agreste e forte do seu Alentejo, para repousar em sossego num canto de Portugal. Que Deus lhe dê ao menos, para lhe cobrirem de sombra e de paz a sua cova ignorada, os braços toscos duma cruz!

Armando da Silva.

Capitão Anibal de Azevedo

Do nosso querido amigo e ilustre capitão Anibal de Azevedo, que de tanta gloria se cobriu em França, recebeu o nosso redator principal uma carta toda ela cheia do maior enternecimento pela memoria de Alexandre Cabeças, morto em combate faz hoje tres mezes. Diz essa carta:

Meu querido Antonio:

Se a tempo tivesse sabido da homenagem que prestaram á memoria de Alexandre Cabeças ter-lhe-ia pedido para me representar nas cerimonias religiosas e alguma coisa tambem escreveria para o numero comemorativo da «Monarquia» que só hoje me chegou.

Só uma vez vi esse bello rapaz ai por principios de janeiro deste ano. Juntou-nos o acaso em terras proximas— a ele que vinha descançar com o seu batalhão e a mim que ia partir no dia seguinte para a linha. Prométemos encontrar-nos, conversar, ser amigos. Mas quis Deus que ele ficasse alem numa Terra que era já nossa porque o nosso sangue lá correra em abundancia. Eu, ocupado-lhe os sentimentos, meu querido amigo, pela morte desse rapaz que fiquei estimando deveras e que pronunciava com um estremeção afecto o seu nome tanta a amisade e o enternecimento que por si tinha.

Estivemos juntos quatro horas. E nessas quatro horas ele não fez outra coisa senão falar-me de si, que ler-me as suas cartas, que, para melhor dizer, ele não lia, mas

As cartas de Alexandre, cheias de fervor e de crença no Futuro, o seu apêgo constante a Deus, a esse Deus que ele adorava e porque anceava, o tema permanente da victoria que era necessário alcançar e os esforços que os rapazes integralistas deviam fazer para que em toda a parte fossem dos primeiros, a confiança cega em Deus—no Deus das victorias —que nos havia de ajudar a todos nos, assim findando-nos na morte, se morressemos, amparando-nos na vida, se escapassemos,—tudo, enfim, quanto você na sua carta dizia com a convicção, a inteligencia e a fé que em si conheço, tudo isso ele me repetia quasi de cór, porque quasi de cór sabia as suas cartas á força de as reser.

«Era um temperamento inteiramente diferente do meu. Ele não tinha o orgulho militar da profissão e conforme ele m'o confesso, era apenas um alentejano pacifico que porfiava somente em bem cumprir o seu dever. Mas que eu sinto bem como ele o deveria ter cumprido, porque tenho ainda nos ouvidos o som da sua voz, toda cheia de energia e força!

Pobre Alexandre Cabeças, que eu vi uma só vez e que certamente agora deve estar junto de Deus, que ele acima de tudo amava, com uma fé que eu lhe invejei, e lhe trazia uma confiança inabalavel no futuro, fosse o que para ele foi, fosse o de continuar nesta cruzada da sua vida!

Abraço-o, meu querido amigo, lamentando do fundo d'alma que uma tão grande, uma tão são amisade fosse bruscamente cortada pela ponta fria duma baioneta ale mã no momento preciso em que o seu testemunho lhe poderia servir de compensação aos insultos que lhe estão dirigindo tantos bandidos dessa terra.

Na sua rudeza, publique a minha carta. Assim o deseja quem é

Amigo muito dedicado
França, junho, 1918.
Anibal.

Reconhecemos que esta carta não devia sair da intimidade a que naturalmente se destinaria, se não fosse a indicação expressa do heroico integralista, capitão Anibal de Azevedo. Alem disso, ela é mais um testemunho sobre esse espirito de eleição que foi Alexandre Cabeças. Não nos podemos furtar pois á obrigação indeclinavel que nos impunha trazela a lume, para que os morcegos vejam como os integralistas pensam e sentem, como em toda a parte honram a Patria até ao sacrificio.

Quadro de honra do Ultramar Português

Baixas na Africa Oriental desde 1914

Mortos em virtude de ferimentos em combate

Oficiaes: Major de cavalaria, Luís Frederico de Avelar Pinto Tavares; major de infantaria, João Teixeira Pinto; tenente do 5.º grupo de metralhadoras, Miguel Antonio Ponces de Carvalho; tenente do regimento de infantaria n.º 5, Adrião Lucas; alferes miliciano do regimento de infantaria 18, Levindo Correia Teixeira Vaz Junior; alferes do quadro privativo das forças coloniéis, Jeronimo Lobo de Almeida Negrejros.

Praças de pré: Segundo sargento do regimento de infantaria 17, Antonio Ambrosio Prata; segundo sargento do 5.º grupo de metralhadoras, José França de Carvalho; soldado do 2.º grupo de metralhadoras, José Aniceto Junior; soldado do 3.º grupo de metralhadores, Sabino Lemos Garcia; soldado do 5.º grupo de metralhado, Augusto Pereira de Pinho; soldado do 4.º grupo de metralhadoras, Manuel Isidoro; primeiro cabo da 7.ª companhia indigena de Moçambique, Antonio Manuel Filho.

Mortos por doença adquirida em serviço de campanha

Oficial: Alferes miliciano da administração militar, Alfredo Martins de Carvalho.

Batalhão de telegrafistas de campanha

Praças de pré: Soldado 305, na 3.ª companhia, Joaquim Marques Fonseca; soldado 142, da 4.ª companhia, Antonio da Silva Inacio; soldado 438, da 4.ª companhia, Paulo Aires.

Regimento de artilharia a cavalo—1.ª bataria:

Soldados n.º 766, José Pinho, 771, Domingos Serafim Henriques, 820, Manuel Costa, 856, Manuel Teodoro, 904, Augusto Martins, 905, Antonio José da Rocha, 908, Antonio de Almeida, 909, José Martins, 910, Francelino Martins, 919, Inocencio Alves Rodrigues, 928, Americo Soares Teles.

5.ª bataria

Soldado 225, Antonio Lopes Pinhel.

6.ª bataria

Primeiro cabo 451, Agostinho Rodrigues Alves; primeiro cabo 537, Paulino Baltasar; primeiro cabo 635, Jorge Simões; soldado 186, Baltasar Antonio Gomes.

Dr. Rolão Preto

Este nosso querido camarada, antigo emigrado politico, fez-se representar na missa por alma dos mortos de Chaves pelo nosso redactor principal, dr. Antonio Sardinha.

Alexandre Cabeças

9-IV-918

De ti que sei? Só sei que, heroi antigo,
caiste confessando a tua raça,
de espada nua, á face do inimigo,
sob a manhã titubeante e baça!

Irmão de Galaaz, morreu contigo
o seu perfume raro, a sua graça,
Carne de sacrificio, eu te bendigo
no ardor de redenção que em ti perpassa!

Sofreu paixão e morte o Pelicano,
nascido como tu, seu cavaleiro,
á grande luz do ceu alentejano...

Abre os teus braços! Nessa cruz pregado,
enchendo o teu instante derradeiro,
é Portugal que está crucificado!

Antonio Sardinha

Nota politica

Mais uma vez, ao que parece, se foram por agua abaixo as profecias do sr. Machado Santos, tornadas publicas na sua quinquagessima quarta entrevista do corrente mês de julho. Tomadas a tempo certas prevenções pelo governo, pode sem exagero dizer-se que a apregoada greve geral das classes de transportes não passou do mundo das historias da carochinha de que o ilustre almirante possue um reportorio inexgotavel e unico de boateiro profissional.

Convencido da falencia dos vaticinios do sr. Machado Santos, eu desejaria apenas que ele garantisse por escrito que o tabaco se acabava de vez em Portugal. A partir desse momento eu alimentaria a esperança de poder fumar no dia seguinte uma aluvião de cigarros, em vez dos canudinhos cheios de herva cidreira e de alteia que os nossos amigos inglêses exportam para cá, no intuito carinhoso de nos divorciarem desse habito dispendioso e insalubre. Ao menos já me não arriscava a correr meia duzia de ex-tabacarias, e a passear por aí o meu desgosto e a minha indignação, até fundear na Havaneza onde tiveram o impudor de me confessar que só tinham *Incrivels*, o que eu achei incrivel rialmente. Esta manhã foi uma boa hora perdida, e de que a Companhia me não indemniza decerto, para adquirir ao cabo de muitas provações um pacotinho verde-salsa com meia duzia de cigarros ingleses, duma marca qualquer estravagante e inedita, que custa á roda de um conto e quatrocentos o masso.

Mas o sr. Machado Santos não desce do Olimpo para se preocupar com estas coisas banais. *De minimis nom curat prætor*, tanto mais que pela sua categoria e pelas suas inclinações naturais o almirante deve fumar *almirantes*, genero que com algum trabalho sempre se acaba por descobrir. Mas deixemos o tabaco, com o réclame de graça, e vamos ao que importa.

Graças ás medidas tomadas pelo governo fracassou escandalosamente a greve predita pelo sr. Machado Santos, e com ela todas as consequencias mais ou menos assombrosas que, boquiabertos e aflictos, o ouvimos apregoar das colunas diafanas d'*A Opinião*. Mais uma vez aborteram as esperanças de muito boa gente que gostando de pescar em aguas turvas, não duvidava encontrar proveito, para os seus fins mais ou menos transparentes, nesse movimento de classe a que não seriam talvez alheias solicitações ou incitamentos extranhos.

Salvou-se por mais algum tempo a ordem precaria em que vivemos e que não é infelizmente senão uma caricatura ingenua da Ordem com maiuscula. O erro, o grande erro da politica do sr. dr. Sidonio Pais, é o proprio vicio fundamental da situação que ele representa. A Ordem não pode ser encarada como o problema-base do interesse nacional. Ela é de preferencia uma derivada que deve ser restabelecida pela remoção das causas que a perturbam.

Qualquer clinico explicaria ao sr. dr. Sidonio Pais, que ha doenças duma etiologia ás vezes complexa, que, em vez de se combaterem por um tratamento especifico, se atacam por processos gerais de purificação do organismo. A desordem é uma doença dessas. Gerada por factores inumeros em que os de caracter economico ocupam talvez o primeiro lugar, não se lhe põe fim senão no dia em que houver a coragem de olhar de frente, os problemas fundamentais que, enquanto insoluveis, não concedem que qualquer situação, seja ela qual fôr, nos ofereça condições de tranquilidade duradoira, num ambiente de paz e de trabalho.

E' preciso resolver primeiro certas incognitas que desfiguram absolutamente os termos da equação. E depois, só depois, se poderá pensar a valer no problema da Ordem, resultante imediata da solução dos anteriores e que se não pode encarar como uma simples questão prévia.

E só assim se poderá pensar a serio numa obra verdadeiramente nacional.

A. da S.

Aos leitores da «Monarquia»

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 53, a fim d'ellas o mandar para os nossos soldados no «front».

A França e a Russia

Na vida indefinidamente perduravel das nações bem curto é o espaço de vinte anos. Bem curto... Mais fugaz ainda do que para as rosas de Malherbe aquele breve espaço de manhã em que viveram e se desfolharam com melancolia e com graça. Pois tanta foi a duração da aliança franco russa desde a viagem com que o sr. Felix Faure foi pagar aquelas antigas visitas que Eça de Queiroz tão maravilhosamente fez reviver uma cronica arquivada agora nas Prosas Contemporaneas até aquela tragica semana dos meados de março de 1917 em que o Imperio russo subitamente se desconjuntou e aluiu.

Foi com indiferença, quasi com aplauso, que a França viu desaparecer para uma prisão dos confins da Asia essa sombra de soberano poderoso e rico de quem ninguem mais soube ao certo entre as suas filhas, formosas noivas de principes, com um pobre rapazinho que a maldade humana aleijou friamente num atentado misterioso e preverso. E comtudo esse homem triste foi o cultor mais dedicado da aliança que momentaneamente assoberbou a Europa e foi para os Imperios centraes com a Italia a seu lado um sobresalto e o motivo essencial desse «coup de Jarnac» que em ultima analise representa a agressão de 4 de agosto de 1914.

Se as palavras com que o famoso Lloyd George no Parlamento victoriou o feito, são de um desconchavo desnorteante para os pobres mortaes como nós, os comentarios francezes lembram demasiadamente ingratidão e são por isso mais feios.

Foi de bordo do Potiau, num brinde a Felix Faure como presidente da Republica Francesa, que Nicolau II anunciou oficialmente ao mundo a estranha aliança da republica jacobina e do autocratico Imperio de todas as Russias. Porém essa aliança era a eclosão natural a que, na atmosfera politica do momento, chegava a convenção militar já existente.

Quando no terceiro dia de greve geral em Petrogrado a multidão se reuniu na prespectiva nevada de Newski, para açular a turba ainda estonteada os *meneurs* subiram e vociferaram de junto dessa estatua em que o principe Trubetzkoi representa montado num enorme cavalo da Ukrania aquele massiço e vasto slavo que foi Alexandre III. Foi assim de junto do monumento a um homem que tanto trabalhou pela aliança franco russa, que o filho veio a festejar num banquete iluminado, que partiram as primeiras machadadas que iam aniquila-la.

Com efeito a ideia dominante em toda a politica externa de Alexandre III foi a aproximação da Russia e da França e para esta só á segurança de visão do Imperador de Russia e á força da sua vontade se deve essa falencia dos calculos de Bismarck, que pelo poder invencivel das suas kabalas lhe tinha dado a forma de governo republicano no confessado pensamento de a isolar do convivio dos estados europeus.

Para poder necessario é querer e esse homem gigantesco cujo sport predilecto consistia em abater a machado as mais grossas arvores do seu parque foi um homem que soube querer. Ora as suas primeiras palavras de soberano foram «Quero a paz». Foi assim que logo a seguir um embaixador inglês poude afirmar: «diz-se que é do Imperador da Russia que depende a guerra ou a paz. Se assim é posso bem afiançar que a Europa está em boas mãos».

Ora para restabelecer o equilibrio que a constituição da Confederação Alemã desviara, a aproximação da Russia e da França impunha-se. A Inglaterra como nunca cioso do seu esplendido isolamento desdenhava do mundo e a Italia que a politica incoerente de Napoleão III juntára á Prussia continuava nesse cambio atravessado.

A opinião vulgar, sempre imbecil condenou nos dois paises essa aproximação e foi ao arripio que os seus obreiros tiveram que agir. Correm ainda impressas as palavras do sr. Ribot, que com Sadi Carnot e de Freycinet por ela tanto trabalharam do lado da França em que o grande homem de estado apresenta como garantia da paz mundial e meio da França respirar mais livremente e de tratar dos seus negocios mais segura e livremente.

Do lado da Russia trabalharam pela aproximação dos dois povos a imperatriz Maria, de Giers, o barão de Mohrenelm e o general Obroutcheff. Felizmente que todos estes claros espiritos souberam ver os altos interesses nacionaes que defendiam. Que importava que a Russia fosse um paiz de espansão aziatica, que a França com renascidos ideaes de grandeza olhasse para o norte de Africa com os projectos magnificos de realisar para si aquela obra grandiosa que D. Sebastião para nós sonhára.

E assim activamente negociada nos bastidores da politica internacional poude ter a sua primeira afirmação solene com a visita da esquadra do almirante Gervais a Cronstadt em 23 de julho de 1891. Dois dias depois dava-se um facto que escandalisava. Depois de um brinde significativamente afectuoso ao Presidente Carnot e á marinha franceza, Alexandre III ouvia em pé a Marselhesa. No dia seguinte sublinhou ainda todas estas manifestações telegrafando ao presidente francês lembrando as simpatias que ligavam os dois povos.

Depois dessa visita da esquadra uma outra manifestação devia impressionar profundamente o espirito profundamente mistico dos Slavos. Os anatemas que desde a invasão de 1812 se cantavam nas egrejas russas na noite do Natal foram suprimidos pela egreja ortodoxa.

Passaram-se dois anos em que o trabalho das chancelarias continuou. Então entrava em Toulon uma esquadra russa a pagar aquela visita da França. No mesmo dia 13 de outubro o Kzar que estava em Copenhague numa daquelas suas repetidas escapadas á corte do velho rei Cristiano subia á coberta do cruzador Ysly o que representava uma das grandes deferencias do protocolo. Conta-se a curiosidade dos diplomatas da triplice que nesse dia passearam demoradamente pelos caes de Copenhague a espiarem os movimentos da canoa em que o soberano russo partira a bater a primeira cavilha do seu novo yacht. Regressava já e parecia voltar para terra quando a canoa picou repentinamente para o cruzador onde momentos depois subia por entre salvas o pavilhão imperial.

Quando desta visita já o general Boisdefre tinha ido em missão extraordinaria a S. Petersburgo com um projeto de convenção que durante uns anos fora meditado, modificado, combinado, e ficara por fim com o assentimento do grande Imperador slavo reduzido a uma pratica convenção militar de onde mais tarde partiu a grande aliança que durante um momento dominou a politica europeia.

Hoje a Russia aluiu com um enorme ruido de peças desconjuntadas. Do seu Kzar nem se sabe ao certo o futuro cerrou-se-lhe na mais negra das ameaças. As nações aliadas devem ter reconhecido o erro enorme de um abandono ingrato a que votaram Nicolau II.

Cruzeiro, julho 1918.

Francisco de Queiroz

Tenente Alberto Soares

No desmoronar de dedicações, no embotamento de consciencias e vergonhosa quebra de boas vontades de que a Causa Monarquica foi testemunha pouco antes do advento da republica e nos primeiros tempos desta, figuras houve que á maior altura se ergueram, mercê da rara energia desenvolvida em prol duma causa que quasi todos abandonaram, da abnegação de que deram provas nos lances mais angustiosos e do seu enorme espirito de sacrificio que foi até ao sacrificio da propria vida. Entre essas figuras avulta singularmente a do tenente Manuel Alberto Soares. Imbuido pela ideia grande e bela da honra devida a uma profissão, cheio de culto pela tradição secular e gloriosamente realista da terra portuguêsa, generoso e altivo, valente e lealissimo, Manuel Alberto Soares deve ser hoje considerado como o exemplo da dedicação a uma causa.

Cobardemente o assassinaram aqueles para os quaes os preceitos da honra não contam para nada: cobardemente o mataram, coerentes com uma orientação que já cimentara com assassinios e traições uma obra de pseudo revivescencia nacional. E esse crime vergonhoso originado pelo exemplo dos primeiros dias de republica e depois continuado por uma longa serie de crimes, recebeu-para vergonha dos portugueses,— sanção e aplauso de muitos deles, aplauso e sanção que foram até deixar completamente impunes pe seus feutores. Os assassinos do brioso e dedicado tenente da armada Manuel Alberto Soares estão ainda hoje em liberdade, perfeitamente descuidosos da justiça dos homens.

Mas ha uma justiça a que se não foge, uma justiça que se não quebra, nem doma, nem compra: é a justiça de Deus. Para essa o unico advogado possivel é o arrependimento, que os assassinos de Alberto Soares não conhecem, visto por completo desconhecerem Deus!... E Deus que no seu seio acolhen a pobre e decidada vitima dum odio sectario e para quem neste momento vão as orações de todos quantos veneraram Alberto Soares como um modelo de honra e dedicação, Deus fará justiça um dia e ai daqueles que por ela forem atingidos!...

«A Vanguarda»

Conta mais um ano de existencia este nosso colega da manhã. As nossas sinceras felicitações.

Errata

Ontem um dos tercetos do belo soneto do nosso querido director saiu inqualificavelmente desfigurado. Onde se lê

«*E nós até á morte se defendermos*»

deve ler

«*E nós se até á morte defendermos*»

Dr. Francisco dos Prazeres

Tendo falecido na Guarda este benemerito cidadão, professor do liceu e do seminario diocesano, acaba de constituir-se uma comissão de amigos e admiradores do ilustre finado, com o fim de angariar donativos para erigir naquela cidade um monumento á sua memoria.

Nesse intuito, está sendo dirigida á imprensa, a diversas colectividades e aos numerosos admiradores do Dr. Prazeres, a seguinte carta que com o maior agrado inserimos, testemunhando assim o nosso aplauso aos seus ilustres signatarios:

Ex.mo Senhor

Interpretando, certamente, o sentir de inumeros admiradores do grande benemerito, Dr. Francisco dos Prazeres, que entre muitas obras gloriosas realisou a do magnifico Hospital da Santa Casa da Misericordia da Guarda, de cuja construção foi a alma, os abaixo assinados veem, constituidos em comissão, ao encontro de todos aqueles que desejem homenagear-lhe o nome numa afectuosa e artistica memoria, em marmore ou bronze, que será erigida, entre flores, no jardim do Hospital ou em qualquer outro local da cidade, oportunamente escolhi do.

Não é a mão de artista, afeiçoando em